

**NUDEZ EM (PAU)TA: representações das masculinidades e de homens nus na
Falo Magazine**

***Eixo Temático 01 - A Arte e suas Manifestações: Navegando entre as
Diferenças, Corpo(S), Gênero(S) e Sexualidade(S)***

Maurício João Vieira Filho¹

RESUMO

Objetiva-se apreender como nudez e representações de masculinidades são abordadas por produções artísticas na Falo Magazine. Conjuntamente, visa-se entender como o contexto político se articula à emergência da revista. Debruçamos na primeira edição de 2018 com vistas a perceber como tais temáticas são organizadas com obras artísticas e artigos críticos. Como caminho metodológico, ancorados no campo da Comunicação, baseamos em José Luiz Braga e a triangulação entre referenciais teóricos, objeto empírico e problematização, de tal modo que nos auxilia a refletir criticamente fenômenos através das teorias. Os eixos de discussões são: disrupção da nudez de homens em uma revista; masculinidades em tensão no contexto contemporâneo; disputas para exibir nudez em um quadro de moralidade.

Palavras-chave: Nudez; Masculinidades; Falo Magazine.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, objetiva-se apreender como a nudez e as representações de masculinidades são abordadas por produções artísticas na *Falo Magazine*. Conjuntamente, visa-se entender como o contexto político se articula à emergência da revista. Para tanto, nosso interesse se dá, principalmente, pela proposta explicada pelo

¹ Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, mauriciovieiraf@gmail.com. Bolsista do Programa de Bolsas de Pós-graduação – PBPG/UFJF.

idealizador da revista, Filipe Chagas. Na primeira edição, o editorial² traz um posicionamento crítico diante do contexto de censura da exposição artística *Queermuseum — Cartografias da diferença na arte brasileira*, ocorrida em Porto Alegre no ano anterior. Naquele cenário brasileiro, antecessor ao período eleitoral do país e à vitória presidencial de Jair Bolsonaro, mas inflamado pela ascensão de setores conservadores e de extrema-direita no debate público e inchado nas plataformas on-line, a exposição foi alvo de acusações de pedofilia, zoofilia e insultos religiosos (MARTÍN, 2017; TREVISAN, 2018). Assim, como gesto de resistência ao caos em ebulição no Brasil, a *Falo Magazine* nasce frente à inquietação que a nudez pode causar. Dito de outro modo pelas palavras de Filipe Chagas, “(...) o nu masculino incomoda. E mais: o pau incomoda”.

Primeiramente, é necessário situar os conteúdos e as produções da *Falo Magazine*, que seguem em publicação até hoje. Com edições bimestrais e todo trabalho editorial, de redação e design realizado por Filipe Chagas, a revista já tem 22 números em 5 volumes publicados, todos com acesso gratuito on-line, além de contar com participação de artistas, modelos e jornalistas, que submetem suas produções para compor as edições. Focalizada nas expressões artísticas por meio das quais a nudez masculina é mobilizada, *Falo Magazine* chacoalha a hipocrisia dos corpos nus na contemporaneidade. Especificamente, o número de abertura é dividido em um texto autoral intitulado “Os olímpios”, no qual são comparadas as reações sociais de obras com nu artístico no século XIX e XXI; o segundo texto é uma matéria sobre Wim Adriaenssens e suas pinturas; em seguida, Omer Ga’ash e as fotografias de nudez masculina que exploram ângulos, texturas e composições variadas; a seção “Falo de História” conta detalhes da vida artística do britânico Lucien Michael Freud e os retratos de homens nus ao longo do século XX; após um autorretrato de 1908 em “Falo em Foco”; já em “Papo de Homem”, a crônica de João Baldi Jr. intitulada “Nudez masculina: o mal-estar” expõe uma situação tida como constrangedora ao estar diante do corpo de outro homem; uma charge “Aula de educação sexual...” é apresentada na página seguinte; logo após, a seção “Falorragia” apresenta sinônimos para pênis, formas dicionarizadas e curiosidades; por fim, em “moNUmento”, um autorretrato de Filipe

² Típico do jornalismo, o editorial é uma produção textual caracterizada pela opinião sobre um tema específico. No caso da *Falo*, veementemente, Filipe Chagas expõem as razões pessoais que levaram a criação do projeto e a necessidade de abordar a nudez nas produções midiáticas. Edição disponível em: <https://www.falomagazine.com/edicoes/falo-01/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

Chagas no formato de *selfie*. Para além do repositório on-line, a *Falo Magazine* extravasa por outras possibilidades plataformizadas, como o *Instagram*, um espaço permeado por camadas que circunscrevem possibilidades e impossibilidades de usos e trânsitos de conteúdo. Ao valer de recursos de interação e compartilhamento, o perfil da revista subverte, inclusive, restrições impostas a conteúdos relacionados à nudez, às relações sexuais e aos corpos expostos na plataforma.

Diante da problemática na qual a revista insurge e o objetivo deste texto, debruçamos especificamente na primeira edição de 2018 com vistas a perceber como as temáticas da nudez e das masculinidades são organizadas na mobilização de obras artísticas e artigos críticos na composição da *Falo Magazine*. A escolha pela primeira edição se justifica pelo posicionamento editorial e, ainda, por possibilitar ampliar horizontes para futuras pesquisas que focalizem a revista em um escopo maior de edições.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Como caminho metodológico, baseamos nas proposições de José Luiz Braga (2008) e a triangulação entre referenciais teóricos, objeto empírico e problematização, de tal modo que a abordagem auxilia a refletir criticamente os fenômenos através das teorias. Com esse tensionamento a partir de uma perspectiva ancorada no campo da Comunicação e atravessada pelos estudos de gênero e sexualidade, apresentamos os eixos de discussões que subdividem o trabalho: a disrupção da nudez de homens e masculinidades em tensão no contexto contemporâneo; Falo, nudez e masculinidades, disputas para exhibir a nudez em um quadro de moralidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

As masculinidades e a nudez compõem o mote reflexivo a ser desenvolvido e formam as lentes de discussão do fenômeno. Com Raewyn Connell (1995), apreendemos que as masculinidades são processos culturais que incidem sobre nossas vidas de forma pedagógica, ou seja, apontando quais são as formas de agir tidas como “masculinas” e ideais para serem seguidas. A ação dos indivíduos, dessa forma, é afetada por fatores políticos, geográficos, temporais, espaciais e tantos outros que são

partes de nosso agir no mundo. As masculinidades, também, estão materializadas nos corpos e trazem proposições sobre os valores em jogo nessa fabulação do que é masculino nas relações de poder das quais somos parte. Contudo, vale frisar que não é um modelo singular, mas variações de masculinidades. Mesmo que não haja uma forma homogênea, há constructos hegemônicos considerados ideais de serem assimilados socialmente (CONNELL; MESSERCHMIDT, 2013).

Nessa esteira de discussões, o conceito de “dispositivos discursivos das masculinidades”, trabalhado por Felipe Viero Kolinski Machado (2018), permite compreender como existem configurações pedagógicas que pesam na composição corporal, na regulação de normas de gênero e de sexualidade, como também nos processos de subjetivação. Aqui, cabe notar como as obras artísticas escolhidas na curadoria da primeira edição da *Falo Magazine* expõem diferentes corpos de homens nus, de diferentes temporalidades e espacialidades, juntamente a diferentes tipos de pênis, parte do corpo cujas dimensões e características reafirmam certos atributos de virilidade e territorialização de prazeres típicos das masculinidades hegemônicas. Quando pensamos na nudez, uma associação imediata é ao obsceno, aquilo que deveria ser colocado fora de cena, logo oculto e não visto publicamente.

Conforme entende Nuno Cesar Abreu (2012), a demarcação da obscenidade tem a intencionalidade de mostrar a violação no ato de visibilizar o que deveria continuar invisível. Obscenidade, erotismo e pornografia são conceitos que se atravessam e têm fronteiras difusas, imprecisas e embaralhadas. Exibir as genitálias é uma ação típica das produções enquadradas como pornográficas, sendo um gesto de sexualizar os corpos e engendrar prazeres. Com isso, a máxima visibilidade deve operar com o explícito para conferir existência (BALTAR, 2011), de tal forma que desenvolve uma economia de corpos e prazeres cujos fins são mercadológicos. Se limitarmos a nudez ao pornográfico e obsceno, cairemos na armadilha da falsa moralidade implantada por movimentos conservadores na contemporaneidade, vistos na interdição das exposições artísticas de 2017. Desse modo, a *Falo Magazine*, ao mobilizar manifestações artísticas, irrompe com visadas comerciais e projeta reflexões acerca das contradições nas representações da nudez, sobretudo, masculina. Importante não entrar na segunda armadilha da classificação em quaisquer âmbitos, sejam eles pornográfico, erótico ou obsceno, visto que empobreceria as possibilidades de perscrutá-la e estancaria em cristalizações.

Faz-se necessário contextualizar o cenário contemporâneo atravessado por transformações no debate público. Richard Miskolci (2021) percebe que o contexto sociopolítico do Brasil a partir da década de 2010 é instituído em um pânico moral cunhado por setores conservadores e de extrema-direita com propósitos bem marcados. Desde as manifestações em 2013, apelidadas de Jornadas de junho de 2013, um estopim no fortalecimento das lógicas midiáticas plataformizadas na convocação de protestos e de ampla transmissão midiática, até a vitória de Jair Bolsonaro na disputa eleitoral para a presidência, uma amálgama complexa de acontecimentos minaram o país. Angariação de apoiadores à extrema-direita, engajamento nas redes sociais com perfis falsos e disseminação de desinformação juntamente à mobilização de questões ligadas à moralidade abalaram a sociedade ao passo que acenderam batalhas morais em torno de um falso pânico instalado com interesses dissimulados de democracia e bem comum (MISKOLCI, 2021).

Com essas contribuições em nosso horizonte, percebemos que a *Falo Magazine* é reflexo de seu tempo no sentido de se rebelar contra a falsa moralidade que permeia a sociedade ocidental contemporânea. No contexto em que emerge, observamos a circulação de discursos da extrema-direita, mais especificamente na figura presidencial de Jair Bolsonaro, constituídos pela polarização política com bases morais, ou seja, desde momentos anteriores a sua candidatura à presidência e ainda enquanto deputado, ele se destacou com movimentos adversos às diferenças, de ataque e discurso de ódio — dos quais podemos lembrar as reações contrárias ao material escolar, cuja abordagem era contra a LGBTfobia no governo Dilma Rousseff, o qual foi denominado por ele e apoiadores como “kit gay”, uma analogia como se aquele conteúdo fosse capaz de afetar o desenvolvimento das crianças (MISKOLCI, 2021). O cenário catastrófico erguido com bases morais atingiu a exposição *Queermuseum* e se tornou propulsor para a revista abranger temáticas da nudez de homens e propor reflexões críticas sobre tais questões com ancoragem na arte.

Desse modo, *Falo Magazine* esbanja em suas páginas a nudez masculina com o propósito de desnaturalizar concepções moralistas e enraizadas sobre perversão e sexualização do corpo. Com isso, notamos a evidência da nudez para além das genitálias tidas como estatuto de masculinidade, fundamentalmente, em razão de

características de tamanho. Esse aspecto, embora possa soar contraditório quando fazemos alusão desde o título da revista e a pressuposta ideia de falocentrismo que pode permeá-la até o texto escrito apenas para falar sobre o órgão, a produção explícita a visibilização do corpo nu para além de sexualizá-lo ou buscar fins orgásticos. O propósito é ir além e irromper visadas conservadoras e naturalizadas da nudez na sociedade.

Sobre o objetivo de perceber as masculinidades sendo representadas na revista, observamos críticas em relação ao contato dos corpos de homens, um atributo tido socialmente como inviável, haja vista que qualquer proximidade ou afeto seria atribuído à homossexualidade. *Falo Magazine* é um “dispositivo discursivo de masculinidade” que mostra em suas páginas uma economia de corpos nus desestabilizadora de concepções hegemônicas de masculinidades, assim como traz em cena algo que estaria na zona do obscuro pela moralidade conservadora que paira sobre o Brasil contemporâneo. Ao mobilizar trabalhos artísticos, a revista faz circular sentidos e representações simbólicas diferentes do que é cristalizado culturalmente sobre a nudez e a masculinidade. Trata-se, assim, de uma ação que desordena concepções estanques sobre masculinidade atreladas à coragem, força e dominação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebemos na análise da primeira edição da *Falo Magazine*, a emergência da revista é consequência do contexto brasileiro de ataques às diferenças e de pânico moral que se alastrava com a ascensão de alas conservadoras no país (MISKOLCI, 2021). A produção buscou estampar a nudez em suas páginas de forma que distanciasse de concepções sexualizadas do corpo. Assim, notamos que as representações de masculinidades evocadas se deslocam de características cristalizadas que tentam enquadrar o que é aceito culturalmente como sendo masculino. Na mesma esteira de conteúdos, a nudez circula com outros significados, que se afastam da erotização do corpo, mesmo quando a revista focaliza nos pênis para a reflexão dos conteúdos propostos. Constitui, portanto, um gesto de romper a falsa hipocrisia moral que paira sobre o cenário contemporâneo e irromper as apreensões sobre os corpos. Com esse trabalho inicial, queremos expandir a análise sobre a *Falo Magazine* para que

possamos perscrutar um conjunto maior de edições e, por conseguinte, trabalhar com mais camadas que complexificam o problema da nudez.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2012.

BALTAR, Mariana. Evidência invisível — Blowjob, vanguarda, documentário e pornografia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 469-489, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2011.2.9470>. Acesso em: 31 mar. 2022.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 31 mar. 2022.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 31 mar. 2022.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 31 mar. 2022.

MARTÍN, María. Crivella veta no Rio a exposição Queermuseu, censurada em Porto Alegre. **EL PAÍS**, Rio de Janeiro, 4 out. 2017. Cultura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/04/cultura/1507068353_975386.html. Acesso em: 31 mar. 2022.

KOLINSKI MACHADO. Felipe Viero. **Homens que se veem**: masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal. 1. ed. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018.



MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais**: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

TREVISAN, João Silvério. As patrulhas da moral e da família. *In*: TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 471-483.